VOTOS DE FIDELIDADE, 7311.

7311

E

DE CONSTANTE PATRIOTISMO,

QUE NO PRESENTE ESTADO DE COUSAS FAZ O POVO PORTUGUEZ AO SEU PRINCIPE REGENTE:

ELEVADOS Á PRESENÇA

DE

SUA ALTEZA REAL.

POR MÃOS

DO ILLUSTRISSIMO E EXCELLENTISSIMO SENHOR

CARLOS STUART.

MINISTRO PLENIPOTENCIARIO DE S. M. B. NA CÔRTE DE LISBOA, E HUM DOS GOVERNADORES DO REINO.

E

PUBLICADOS

POR JOAQUIM AGOSTINHO DE FREITAS.

LISBOA:

NA IMPRESSÃO REGIA. ANNO 1812.

Com licença.

Com as unhas tenazes dilacera
Aguia soberba, que abaixára o vôo,
O proprio peito, que a altivez nutríra:
Cedem da Lusa terra protegida
" Os que tanto a desejão, sendo alheia. "

Freitas, no Poema dedicado á Nação Portugueza, pela sua Restauração.

ELL.mo E EX.mo SENHOR CARLOS STUART.

A Quem com maiores titulos, que VOSSA EXCELLENCIA, deverião ser offerecidos os Votos do Povo Portuguez a seu amado Principe Regente? He VOSSA EXCELLENCIA, Senhor, hum apoio da sua Independencia, hum seu intelligente Governador, e hum digno Representante daquella briosa Nação, que tanto tem contribuido para a felicidade Portugueza, e que por tantas maneiras se faz crédora da sua gratidão.

Por todos estes motivos, Senhor, depois de haver compilado os unanimes Votos, que eu a cada passo ouço repetir aos Portuguezes, para os elevar á Augusta Presença de S. A. R., procuro a benigna Pessoa de VOSSA EXCELLENCIA.

Digne-se pois VOSSA EXCELLENCIA de acceitar huma Offerta, que tanto lhe he compativel; e juntamente com ella os sentimentos d'admiração, e de respeito, que ácerca das Virtudes de VOSSA EXCELLENCIA vivem no coração

Do seu mais reverente criado

Joaquim Agostinho de Freitas.

Augustissimo Senhor.

Não circulará ainda pelas veias dos Portuguezes d'agora o mesmo sangue, que girou nas dos Portuguezes d'algum dia? Não teremos nós presentemente o mesmo caracter, o mesmo brio, e a mesma philopatria, que tiverão os nossos Antepassados? Por acaso a enchente dos tempos, debilitando o nosso moral, abatendo a nossa constituição fysica, ou pervertendo os nossos costumes, fazer-nos-hia dissimilhantes daquelles Portuguezes? Não por certo, Augusto Principe, nos nossos corações ainda pula a briosa ancia pela salvação da Patria: somos em fim Lusos, como d'antes. Nada deixão que invejar á moderna gloria os illustres antigos Feitos, praticados nas Quatro Partes do Mundo. Se existírão para honra da Patria em differentes tempos os Nunos, os Albuquerques, os Pachecos, etc., existem agora juntos para sua salvação hum Mello, hum Miranda, hum Forjaz, hum Silveira, etc.: existe hum illuminado Governo, que, sem nada deixar no acaso, tudo regula harmoniosamente. Existe por fim o Povo Lusitano, que vem agora, reunido pelo Amor, e pela Fidelidade, jurar ante o Throno de V. A. R.: morrer, ou vencer pela pureza de sua Santa Religião, pela Sagrada Pessoa de V. A. R., pela indemnidade da sua Patria, e pela conservação de seus Direitos.

Embora pertendão os vís Usurpadores d'alheios dominios, os Vandalos do fim do Seculo XVIII, e principio do XIX, tentar a nossa constancia: a boa fé, e mais que tudo, as Ordens de V. A. R., lhes dérão entrada no Luso Terreno; mas, já desmascarados, acharão, todas as vezes que nos contaminarem, hum Povo desenganado, unido, e valente: hum Povo, a quem ainda a dôr, reverberando no seu rosto, dá bem a conhecer os sentimentos de seu coração: acharão finalmente aquelle mesmo Povo, que foi o terror dos Agarenos, e dos Arabes; que soube conservar sua terra, repellindo com energia differentes invasões; que foi o terror da Asia, e que o tem sido agora dos Francezes.

Tudo vence a constancia, Senhor: e nós conhecemos ser impossivel destruir huma força sem falha, huma força unida. Os tempos antigos, e os modernos tempos, nos apresentão exemplos de Póvos, que tentárão a sua Independencia; e que, contra todos os obstaculos, contra exercitos numerosos no seu recinto, e nas suas fronteiras, conseguírão ser livres. Deixemos os Lacedemonios, e Carthaginezes, nem fallemos na antiga Italia: remontemo-nos a tempos mais modernos: olhemos para os laboriosos Suissos, que fizerão a sua independencia contra todos os obstaculos: para os honrados Hollandezes, perseguidos até no tempo de Luiz XIV; e finalmente para os constantes Hespanhoes. Eis-aqui o que tem jurado o unanime consentimento da massa Nacional. A nossa mocidade corre ás armas: os nossos recursos moraes estão promptos a esgottar-se: o nosso brio não soffre limites; e quando se offendem os nossos direitos, todo o Cidadão he Soldado. A existencia he huma quiméra, quando se trata da Honra: qual pois

dos Portuguezes quereria antes gemer agrilhoado pelos ferros d'hum Déspota vingativo, exposto ao ludibrio, vendo com os seus proprios olhos a desolada familia, entregue á furia de brutaes soldados, seu thalamo maculado, suas donzellas corrompidas, seus tenros e mimosos filhos barbaramente despedaçados, os Templos do Deos Vivo profanados, e empobrecidos, do que dar no campo da gloria a ultima pinga do seu sangue em defeza de quanto ha mais respeitavel, sendo os ultimos accentos de sua bocca semi-viva: Religião, Rei, e Patria? Ah! Senhor, só hum malvado hesitaria na alternativa. Nós trememos ao ouvir pronunciar o nome de partidista, e subentendemos nesta palavra hum filho abortivo do negro Inferno, capaz de nutrir em seu peito o péssimo bando de todas as maldades: mas ainda existem Coriolanos, ainda vivem Catilinas!

Tornamos a proferir: a existencia he huma quiméra, quando se trata da honra. Bonaparte não conhece a natureza do nosso sangue: desconhece a nossa Etymologia: nunca lêo a Historia Portugueza: não sabe as nossas Leis Fundamentaes: não sabe com quanto sangue as temos sustentado: não sabe, que deixariamos de existir, ou não soffreriamos Senhorio estranho: que não seriamos Portuguezes, se entre nós reinasse hum Principe, que não fosse Portuguez: não sabe, que ainda mesmo huma Princeza herdeira do Throno Portuguez, delle fica esbulhada, huma vez que se una a Principe Estrangeiro: he pouco versado em Geografia, confunde Portugal com a Italia, Alemanha, etc., etc., etc.

Nós não somos puras máquinas: não somos puros automatos: nós não nos movemos por material combinação, ou mechanismo. Temos sentimentos, e

sentimentos Nobres. Somos huma Nação, huma Nação, huma Nação livre, huma grande Nação, a primeira Nação do Mundo. Foi por ventura a fundação da nossa Monarquia alguma obra eventual, ou foi a consequencia da fortuna d'algum Soldado feliz? Não foi o Deos das Victorias, o que distribue os Sceptros, e os Cajados, o Arbitro dos Reis, e dos Exercitos, aquelle, que, servindo-se d'Affonso Henriques, fundou este Imperio para Si? Será isto huma expressão do fanatismo? Não temos nós repetidas provas, e provas convincentes desta verdade? Que poderia o Grande Affonso I. com tão pequeno numero de gente contra cinco poderosos Reis, a quem venceo, e a quem humilhou, senão fôra o Grande Braço, que sobre elle vigiava? Que outra cousa he, senão hum milagre continuado, tudo, o que neste Reino tem succedido, desde a época deste Grande Rei, até á de V. A. R.? Seria transpôr as regras d'hum pequeno Discurso, o narrar a infinita multidão de factos, que abonão esta verdade. Ergue-te João I., levanta o brado da sepulchral habitação da morte, ou d ze-o tu, Castelhano João I. tambem: em que parárão as immensas, as valerosas cohortes, enviadas por ti para a invasão de Portugal? Ah! a tua dôr o testifica pela total ruina; e a Corôa Portugueza foi firmada na Cabeça de seu legitimo Senhor. Immortal João II., a quem, senão ao favor do Ceo, e áquella Omnipotente Protecção, que sobre nós vigia, se devêrão os immensos beneficios, que assignalárão teus dias? Eu vejo pejadas quilhas sulcarem as procellosas ondas de Neptuno: Adamastor nos cede o passo, e he domado por nós o tormentoso Cabo. Eis apparece hum novo mimo da Omnipotencia sobre Portugal: baixa Manoel ao Luso Imperio. São transportados por pe-

quena porção do invicto Povo os Lisiões Portuguezes ás Gentes Asiaticas. Tremem os Reis, e anhelão progressivamente pela nossa amizade. O Indo, e o Ganges ficão tributarios ao Téjo ; e a quem , senão á Protecção do Ceo, foi isto devido?

Passão-se tempos; e á imitação do Rio, que, desprendendo-se da sua nascente, some-se, e serpenteia por algum tempo por baixo da terra , para ao depois apparecer na superficie della grande, e caudaloso; assim tinha desapparecido a Gloria Portugueza com a malfadada perda do intrépido Rei , a quem a deshumana Parca injustamente cortára o fio d'oiro na madrugada de seus brilhantes dias. Não attendendo ao direito de successão , nem á legitimidade da nossa causa , entra Filippe II. neste Reino, sendo Pertendente , e Juiz. Doze lustros supportámos alheio dominio, e no fim delles o Ceo renovou sobre esta Nação huma enchente de beneficios. Foi prodigiosamente restituida ao nosso legitimo Soberano , ao Grande João IV. , a Corôa , que sustentámos com o nosso sangue, e com as nossas fadigas. Será isto huma ficção, ou huma bella figura da Eloquencia? Não por certo: he huma verdade historica : os Portuguezes o sabem , o Mundo inteiro o admira. Exhaustos de meios , perdida huma grande parte da nossa mocidade, pôde assim mesmo o Patriotismo Portuguez segurar , e conservar illesa a nutante Monarquia. Achou a Hespanha nos nossos peitos huma muralha de bronze. Achou ateado aquelle fogo , que nos Portuguezes nunca se apaga , quando se trata do dever , e da honra. Exasperou-se , teimou , e por fim cedeo.

Sempre perseguidos , e sempre triunfantes , fomos por ultimo accommettidos pela maior das furias , por esses homens , ou féras , sem Religião , sem Lei ,

e sem Humanidade, finalmente pelos Francezes. A pezar de ter esgottado muitas vezes os thesouros públicos, não pôde V. A. R. estorvar a serie de males, que nos ameaçava. Os maiores sacrificios feitos pelo mais Augusto, e Amavel dos Principes, nada conseguirão sobre a maldade, e sobre a ambição. Terrivel dia 30 de Novembro de 1807, digno de ser notado em negra pedra, e amaldiçoado das Gerações presentes, e futuras, tu nos trouxeste a fraude, a usurpação, a miseria, os sacrilegios, e os crimes todos: a Natureza te negou sua harmonia regular: o Sol escondeo de ti seus resplendores: os elementos travárão entre si medonha guerra: as aguas transpozerão seus limites; e a terra pareceo não poder com o pezo enorme das maldades, que tu conduziste.

O Sábio Comportamento de V. A. R., conduzindo sua Real Pessoa para os seus Estados do Brazil, poupou na primeira invasão aos seus fieis Vassallos a effusão de sangue, que a honra entre elles excitaria, para estorvar o projecto de deshumanidade, e de rapina, que se dirigia positivamente a V. A. R. Supportámos com tudo a oppressão d'hum Verdugo, que outra lei não conhecia, mais que a de sua avareza. Supportámos o pezo d'huma enorme Contribuição, com que não podiamos, authorisada sómente pelo direito da força, direito, que os nossos Inimigos injusta, e grosseiramente quizerão disfarçar com o nome de resgate, imposto a huma Nação hospitaleira, que pacificamente os admittíra no seu seio. Alterárão-se as nossas Leis Fundamentaes. Vimos intruso hum novo Codigo penal, e mortifero, applicavel a todo aquelle, que pelo amor de seu Soberano, pelo amor de V. A. R., queria eximir-se de ser occular testemunha de semelhantes attentados. Forão confisca-

das , e alienadas as propriedades dos que , seguindo seu dever , acompanhárão a V. A. R. O nosso ouro , o nosso precioso foi gradualmente conduzido a extranhos lares por aquelles mesmos , que altamente nos clamavão protecção. Existia porém no coração dos bons Vassallos de V. A. R. o apego , e amor , que o sofisma , e a maldade procuravão desprender , e apagar. Faltos de meios , mas cheios de desejos , implorámos o auxilio da briosa Nação , a quem as circunstancias tinhão apparentemente tornado nossa inimiga. Foi-se desenvolvendo a pouco e pouco a nossa energia : foi grassando o enthusiasmo patriotico ; e por fim foi o adorado Nome de V. A. R. proclamado em todo o Reino , como delle legitimo Senhor.

Eis-aqui , Augusto Principe , a maior das maravilhas do Ceo a favor dos Portuguezes. Revendicárão-se os nossos Direitos : renascérão as nossas Leis , e os nossos Costumes. Já os Canticos de louvor livremente resoão no Sanctuario do Eterno. Já tudo respira. He pois necessario conservar a Liberdade , defender a Independencia. Os nossos Inimigos nos tem marcado para huma terrivel vingança , he neccesario oppôr-lhes huma barreira inaccessivel. Tudo he preciso sacrificar á honra. Os nossos braços , a nossa fazenda , e constancia , para sua , e nossa segurança , he o que a Patria exige : quando ella fraqueja , quando ella está ameaçada , nada tem os particulares , tudo lhe pertence.

Anhelando contra nós huma terrivel vingança , ousárão segunda , e terceira vez pizar o Luso Terreno os nossos brutos Inimigos , e já se retouçavão na persuação da posse das nossas propriedades , capacitados por seus gárrulos , e impostores Generaes , ou , mais antes , automatos verbosos , de quanta facilidade seria

a conquista de Portugal; porém, Augusto Principe, tinhão de combater com Portuguezes. Achárão, não ajuntamentos informes de paisanos patriotas, mas sim hum Exercito pasmosamente disciplinado pela sabedoria, e cuidados do Marechal Beresford, mimo, que o fiel Alliado de V. A. R., o immortal Jorge III. nos havia enviado para nossa felicidade. Achárão o Grande, o Venturoso Wellesley, que á testa de rompentes Britanicas falanges, mandadas em nosso soccorro, soube unir ao valôr do fogoso Aquiles a prudencia do asisado Ulysses; e que, em consequencia de seus bem ajustados calculos, e pleno conhecimento das nossas circunstancias, soube reduzir, qual outro Fabio Tardador, hum numeroso Exercito inimigo, não á mollura, e effeminação, porém ao extremo de ser devorado pela fome, e pela peste; e pelas desconfianças, mais terriveis ainda, que a mesma peste, e fome.

Então cahio por terra a soberba do seu Throno. A filaucia arrogante cedeo á Lusa-Britanica valentia. Hum Deos secundou a justa causa, que defendemos; e eis mortiferas, ameaçadoras Aguias esvoaçárão sobre os desgraçados campos da consternada Hespanha.

Ainda em seus luctuosos conciliabulos braveja d'ira o Monstro nascido na infernal Corsega, e decreta por todos os modos a anniquilação de Portugal; mas quem são os executores deste impotente decreto? A imberbe Juventude, subtrahida ao seio de lacrimosas mãis, que taciturnamente amaldiçoão a cobiça do peior dos tigres: alheias, involuntarias Tropas, extorquidas a frageis, a credulos Principes, em consequencia de cavilosos pactos.

Debalde, Augusto Principe, se redobrão os es-

forços do tyranno Usurpador. O Povo, que quer ser livre, jámais póde ser conquistado. O Povo Portuguez, pelo seu caracter, e pela sua educação, não póde sugeitar os pulsos ás vís algemas do despotismo. A dobleza, e a intriga, que tão dextramente cultivadas, florecêrão entre tantas infelizes Nações, apenas abrolhárão no Luso Solo, forão cerceadas pelas raizes. Suas pestiferas sementes volvêrão á nascente, que as arrojára; e em seu lugar entre nós veceja a firme adhesão ao Governo, a confiança nos Chefes, e o mortal aborrecimento a Portuguezes degenerados.

Porém, Senhor, se a Patria agora está salva, se ella já não he infestada pela usurpação, e pelo sacrilegio, dormiremos nós á sombra dos nossos louros? Dormiremos em quanto vigião os nossos Irmãos, os impávidos Hespanhoes, que marcão os passos pelas victorias, e que trabalhão pela recuperação da sua Independencia Nacional? Não certamente. Iremos juntar a nossa raiva á sua raiva, ao seu o nosso furor; juntos respiraremos a mesma vingança. Hespanhoes todos pela nossa posição local, e pela analogia de Leis, e de Costumes, a nós se dirige a negra nuvem, que tem de desprender o abrazado raio de vingança, e crueldade. Mui distantes pontos, que habitassemos no globo, a causa, que defendemos, nos deveria unir, nos deveria fraternizar. Somos tambem Hespanhoes: ás armas, Portuguezes, corra-se, vôe-se ás armas.

He o ataque d'Hespanha o primeiro passo para o ataque de Portugal; o que alli se pertende destruir he o que nós defendemos: logo, sendo igual a causa, iguaes devem ser os meios da defeza. Daqui nasce o bem calculado projecto da sahida das nossas Tropas para se unirem aos seus fieis Camaradas d'armas, aos

intrepidos Hespanhoes, que endurecidos no campo com as fadigas, e com os trabalhos, não temem o Gigante, o qual, depois de calcar a maior parte da Europa, ameaça com as mesmas armas ao Occidente della, isto he, com a intriga, e com a fraude. A politica, e vigilancia dos Sabios Membros do seu Governo tornão cada dia mais difficultosas, e até mesmo impossiveis, as tramas desses monstros habitadores do ameno, e desgraçado Paiz, entalado entre os Alpes, e os Pyrineos. Animados, e regidos pela mesma politica, e vigilancia, que felizmente existem nos respeitaveis Membros, escolhidos por V. A. R. para nos governar, durante a sua sentida ausencia, continuemos, cada vez com maior ardor, a prestar aos nossos Visinhos, para nossa mesma segurança, o auxilio, que permitte o estado actual das cousas. Tremulem nos Pyrineos as Lusas Quinas. A nossa Mocidade, ameaçada tantas vezes a servir o capricho, e á injustiça d'hum Tyranno, conduzida em affrontosas gargalheiras, seja a mesma, que leve triunfante o ferro, e a morte aos vís escravos, aos satellites do infame Corso. A razão, e o dever altamente nos chamão. V. A. R., como Amador da Justiça, assim o determina: corramos pois a affrontar-nos com o commum Inimigo.

Nada temos a temer, visto que nos sobra a córagem. São nada os males presentes, comparados com as desgraças futuras. Seria hum bem morrer combatendo, relativamente aos opprobrios, que de necessidade se nos deverião seguir, se os nossos Inimigos, succumbida a Hespanha, se apoderassem de Portugal. Ainda conservamos gravadas nos corações com letras de sangue as atrocidades entre nós commettidas pelos Barbaros modernos. Ainda envião ao

Ceo ardentes súpplicas , tremendas imprecações , interpoladas pela dôr , e pelo pranto , a desamparada viuva , o faminto pupillo , a exposta donzella , nesses desgraçados lugares , victimas da crueldade. Ainda fumegão com o sangue de seus patrioticos habitantes os campos d'Evora , Béja , Leiria , Alpedrinha , Amarante , etc. , aonde se punio , como insurreição e rebeldia , o Patriotismo , e a Fidelidade. Corramos pois a indemnizar d'algum modo o sangue de nossos Irmãos.

Não gerão leões fogosos debeis cordeiros. Ajudados d'huma Nação guerreira , e magnanima , que emprega incessantemente em nosso soccorro os seus braços , e os seus thesouros , vamos continuar a mostrar-lhe , que ainda vivem Portuguezes , filhos do Valor , e da Heroicidade. Continuemos finalmente a mostrar á Inglaterra , que , se empregou os seus Exercitos , e as suas Esquadras para a obra da nossa Regeneração , quando abatidos , e desarmados implorámos o seu auxilio , somos capazes , recuperada a energia , que os nossos Inimigos com dolosa prevenção nos tinhão abafado , de sahir ao campo da honra , de encarar o perigo , e de morrer , contribuindo para a segurança da nossa Patria. Esta segurança , Senhor , depende dos corações , e braços Portuguezes ; e nós juramos pela mutua , e essencial relação , que ha entre os Soberanos , e os Póvos : Defender o nosso Principe á custa das nossas vidas ; assim como o Principe jura : Ser o Pai de seus Vassallos , e o Punidor pela sua indemnidade.

São estes , Augusto Principe , os votos do Povo de V. A. R. : he este o nosso juramento. Proscripto seja o infame , que primeiro a elle faltar. Seu maldito sangue caia em borbotões. Mais não produza o

terreno, por onde elle correr ; e seu corpo insepulto seja pasto d'esfaimados abutres.

Eia pois, Portuguezes: morrer, ou vencer, pela pureza de nossa Santa Religião, pela Sagrada Pessoa do nosso Principe, pela indemnidade da nossa Patria, e pela conservação dos nossos Direitos.

VIVA O PRINCIPE REGENTE.

Viva! Viva! Viva!

F I M.